

O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo
comprehendam...

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

...ad ea quae sunt priora extendens metipsum
ad destinatum persequor, ad bravium
triumphi Ecclesiae... in Christo Jesus

ID. 13. 14.

SUMMARIO: *Pastoral do Ex.^{mo} e R.^{mo} Sr. D. Manuel Agostinho Barreto, Bispo do Funchal, acerca do centenario do Infante D. Henrique.*—Secção Scientifica: *O diabo e as suas obras*, pelo Dr. D. Salvador Casañas y Pagés.—Secção Critica: *O appello da «Ordem»*, pelo Padre Bento G. Queiroz; *Replia á replia*, pelo Padre J. A. R. Junior.—Secção Bibliographica.—Secção Litteraria: *Tomada de Damiatá por Pelagio, cardeal portuguez*, pelo Padre João Seraphim Gomes.—Retrospecto.

Gravuras: *Aldeia africana; Na volta da Eschola; Um chefe dos cruzados.*



ALDEIA AFRICANA

Pastoral do Ex.^{mo} e R.^{mo} Sr. D. Manuel Agostinho Barreto, Bispo do Funchal, acerca do centenario do Infante D. Henrique

(Continuado do n.º antecedente)

I

O infante D. Henrique foi o quarto filho varão d'El-Rei D. João I, o mais popular e mais amado de todos os monarchas portuguezes e tambem o mais venturoso de todos os paes, porque deu ao mundo uma prole tão distincta como raras vezes se descobre.

Havendo-se unido em matrimonio com uma princeza de alto espirito e coração nobilissimo, qual foi D. Filipa de Lancaster, a sua côrte era o solar da honestidade e da virtude, onde reinaram a paz domestica, a austeridade de costumes, a diligencia no trabalho e no cumprimento do dever, o incentivo de acções nobres e exforçadas, o intenso amor da patria.

Quadro formoso e sublime era este, o de uma respeitavel e nobre mãe, sentada nos degraus do throno, rodeada de seus filhos, a ensinar-lhes as maximas santas do amor de Deus, do affecto ao rei, da dedicação á patria; chamados todos a uma elevada posição social e por isso mesmo a remontados feitos para captarem a estima, o respeito e o affecto d'esse povo que seu pae tornara independente, libertando o do jugo estranho; d'essa patria resgatada á custa de tantas batalhas e de tanto sangue; d'este solo tão estreito que mal podia conter seus habitantes, sempre anciosos por alargar-lhe as fronteiras que eram ainda a miudo assaltadas pelos infieis sectarios de Mafoina. Dar á patria dias de gloria, ao povo annos de ventura, ao pae uma velhice alegre e tranquillã, tal devera ser o empenho d'esses filhos.

Ora poucas vezes se lançou semente em terra fertil que desse fructos assim abençoados. D'esse thalamo venturoso nasceram filhos de quem disse o principe de nossos poetas

Inol'yta geração, altos infantes.

Um D. Duarte, o eloquento, um D. Pedro, o sabio, um D. Fernando, o santo, um D. João, o batalhador e um D. Henrique, o Argonauta, o conquistador dos mares, o Navegador, em summa. Epocha de gloria e venturas foi esta, que a Providencia derramou a flux sobre a terra lusitana! Quem nos déra que, n'este momento angustioso da patria querida, chovessem assim copiosas as bençãos do ceu sobre o throno e sobre o povo! Subisse esta so-

lemne consagração de passadas glorias até o throno do Senhor para mover-lhe o coração amantissimo em nosso favor!... Saibamos pedir para podermos esperar.

Nasceu o infante D. Henrique na cidade do Porto, no dia 4 de março de 1394; e correndo-lhe nas veias o puro sangue de tão magnanimos progenitores, recebendo uma educação domestica assim aprimorada, encontrando-se no meio de homens taes como o santo condestavel D. Nuno Alvares Pereira, o capitão exforçado que fôra o braço direito d'El-Rei, João das Regras, chanceller-mór do reino e abalsado jurisconsulto e d'outros valentes cavalleiros adestrados nos combates em prol da liberdade, como não desabrochariam precoces as virtudes, o animo varonil, as altas aspirações, o caracter nobre n'aquelle peito e n'aquelle cerebro? Bem cedo se manifestou, de um modo brilhante, o elevado espirito do infante, como rezam as chronicas do tempo.

Pensou El-Rei, seu pae, armar cavalleiros aos infantes, segundo o estylo da epocha, mas estes lhe manifestaram o desejo de receberem a investidura só no campo da batalha e depois d'algum feito condigno, que tornasse bem merecida aquella honra! E' bello e mui significativo.

«Gozava o reino a suavidade da paz, escreve o auctor da «Historia Genealogica», descansando dos duros trabalhos da guerra, e querendo El-Rei exercitar seus filhos em o manejo das armas, para os haver de armar cavalleiros segundo a practica d'aquelle tempo, determinou fazer umas festas proprias de soldados, para as quaes convidou por editaes publicos os cavalleiros de todas as nações, para n'este reino se acharem em tempo prefixo, que havia de ser o em que armava cavalleiros aos infantes seus filhos, em cujo obsequio queria fosse esta função entre estrondos e exercicios guerreiros, que inventou a curiosidade para substituir a guerra com alguma imagem, na qual as acções executadas com arte e industria conseguem applausos dos valorosos, sendo o caminho com que se habilitam para grandes empresas. Porem os infantes, principalmente D. Henrique, não tendo por gloria o haver de ser armado na paz, entre os divertimentos de justas, torneios e outros jogos e exercicios militares, que, ainda que luzidas invenções, não eram mais que apparentes, pelas quaes não podia conseguir nome, lembrou a El-Rei que podia emprehender alguma facção em Africa contra os mouros, que, sendo gloriosa ás suas armas, podesse elle conseguir com seus irmãos reputa-

ção pelas proprias acções com que merecessem dignamente a Ordem da Cavallaria que desejavam. Esta practica do infante, que nos circumstantes passou por mais um conhecimento do seu elevado animo, e por materia sem effeito e quasi de nenhuma consequencia, foi uma inspiração que fez entrar a El-Rei na ideia de conquistar a cidade de Ceuta aos mouros. Determinada a empreza, como fica referido, o primeiro que desembarcou e pizou terra de Africa foi o infante D. Henrique, que combatendo os mouros conseguiu coroar-se de immortal gloria n'aquella occasião, de que tinha por testemunhas não menos que El-Rei, seu pae, o condestavel D. Nuno Alvares Pereira, o conde de Barcellos, seu irmão, e todos os demais cabos com aquella luzida gente de tropas veteranas, costumadas a vencer. Depois de rendida a cidade o arnou cavalleiro El-Rei, e a seus irmãos, e triumphantes da barbara multidão dos mouros, foram associados áquelle nobre instituto militar, conseguido pelo valor mais que pelo real nascimento.»

De volta á patria, e apenas pizaram terra do Algarve, quiz El-Rei manifestar de modo ainda mais notavel os sentimentos de grande apreço aos filhos queridos que lhe haviam suscitado o bello pensamento de combater os inimigos da cruz e da patria, alargando os dominios d'esta para alem do Estreito, na costa mauritana, onde se haviam portado como valentes e já experimentados campeadores. Ao infante D. Pedro concedeu o titulo de duque de Coimbra e a D. Henrique o de duque de Vizeu, dando-lhe mais tarde o senhorio da Covilhã, o mestrado da Ordem de Christo e o posto de Fronteiro mór de Leiria. Bem merecidas honras que o inclito infante soube aproveitar para gloria immorredoura do seu nome e mais ainda para proveito do reino e do mundo todo.

II

E o «braço ás armas feito não tolleu o exercicio da mente ás letras dada», por quanto, mal volvido á patria, cuidou logo em dar-se aos estudos mais adaptados á descoberta de mares e povos ignotos, proporcionando, com animo verdadeiramente régio, os meios convenientes para a cultura das sciencias. Tendo escolhido por moto do seu escudo aquella phrase da lingua franceza: *Talant de bien faire*, genio ou desejo e arte de bem-fazer, o tinha sempre deante dos olhos, para o não desmentir um só instante ou no minimo dos actos de sua vida.

«Favoreceu tanto os estudos, diz o

já citado historiador, que deu o seu proprio Paço de Lisboa para n'elle se formarem aulas publicas. E sobre tantas virtudes de que se ornou como principe, ainda foi mais excellente a de ser sempre casto, conservando-se illeso desde o seu nascimento, de sorte que mereceu acabar virtuoso.»

(Continúa)

SECÇÃO SCIENTIFICA

O diabo e as suas obras

(Continuação do n.º antecedente)

PARA bem se entenderem estas palavras do Angelico Doutor advirta-se que os corpos estão no lugar como *circumscriptos* n'elle, de sorte que suas dimensões estão de tal modo relacionadas com as do lugar que occupam, que a somma das mesmas corresponde á somma das do lugar, e cada uma de suas partes a cada uma das do lugar. E é isto o que significa o Sancto pelas expressões *por contacto de quantidade dimensiva*. O anjo, e geralmente todo o espirito, por isso mesmo que não consta de dimensões, occupa um lugar *definido* ou determinado, em quanto está alli e não n'outra parte; porém de tal modo que está toda a sua substancia em todo o lugar, e toda em qualquer das partes, intendendo-se aqui as palavras *toda a substancia* no sentido da *totalidade de essencia* e não da *totalidade quantitativa*, (1) visto que o anjo, como todo o espirito, carece de quantidade. E n'este sentido se podem entender as palavras do Sancto quando disse, que o anjo está no lugar por sua *quantidade virtual*, como se mais claramente dissera que pela totalidade de sua substancia está intima e immediatamente presente ao lugar, embora ao que chama aqui *applicação da virtude angelica* ao lugar, chame n'outras partes *applicação da essencia do anjo*. (2) Auctores ha no emtanto que intendem por estas palavras a virtude operativa que o anjo exerce no lugar mesmo.

Ventilam os theologos interessantes questões sobre o modo de se moverem os anjos d'um lugar para outro, sobre a extensão que no espaço podem occupar n'um instante dado, como

tambem se podem estar em dois lugares distinctos a um tempo. Como poderão taes assumptos não competem ao nosso proposito, deixal-os èmos de parte para tam só nos determos na seguinte consideração: Sendo finita a essencia e a perfeição do anjo, ha de ser tambem finita a esphera de sua actividade e finito o lugar em que está presente, não podendo por conseguinte achar-se simultaneamente em todas as partes nem fóra dos limites de seu lugar adequado, se bem possa trasladar-se de um ponto a outro, a mil outros pontos, e a remotissimas distancias, com uma velocidade que transcende os limites da potencia humana e de todo o ser corporeo, realisando esse movimento em um ou varios instantes indivisiveis, consoante a espiritualidade e a indivisibilidade de seu ser. Adrêde-hemos demorado a attenção e feito finca-pé n'esta virtude ou potencialidade angelica, derivada de sua propria natureza, e correspondente, por tanto, não só aos anjos bons, mas ainda aos anjos máos, porque se fundam n'ella uma grande parte dos phænomenos a que chamam somnambulismo magnetico ou hypnotico, de que mais tarde hemos de falar.

Segundo a ordem das materias, deveriamos entrar agora no estudo attento de como os anjos, por sua natural virtude, podem operar ou influir, e operam e influem realmente no homem, e, em geral, em todos os corpos organicos, offerecendo d'est'arte aos cultores da sciencia as luminosas e profundas theorias que sobre estas intrincadas e metaphysicas questões ensinam os grandes genios da theologia catholica, antigos ou modernos. No emtanto, como isto nos levaria muito longe, força é nos limitemos a expôr uma succinta idéa das principaes verdades, que hão de ser como o principio e fundamento da doutrina catholica que nos propomos ensinar attinente aos Exorcismos publicados por disposição de S. Sanctidade Leão XIII.

N'este mesmo capitulo temos demonstrado que os anjos podem influir e operar sobre a materia pela razão de terem actividade mais alta e perfeita que a da alma humana. Resta indicar agora as operações a que se applica a sua actividade com relação aos corpos. Em harmonia com a doutrina commum, diremos, desde já, que as mutações de que são susceptiveis os corpos em si mesmos, podem reduzir-se a tres principaes, a saber: a *formação de um ser*, produzindo-o da materia preexistente; a *alteração de uma substancia*, produzindo n'ella qualidades materiaes; e, por ultimo, o *movimento*. Nada dizemos da criação, porque, em rigor philosophico, não é mu-

tação propriamente dicta, que suppõe a preexistencia do ser, além de que é uma verdade incontrovertivel e incontrovertida que a criação é obra exclusiva do Creador, isto é, do poder infinito de Deus.

Se nos perguntam quaes as mutações corporeas que escapam á acção da potencialidade angelica, responderemos, com o commum dos theologos, que não pôde o anjo produzir de uma substancia outra substancia, nem sequer alterar um corpo produzindo n'elle qualidades materiaes. D'onde se deduz que não podem os anjos por sua propria virtude produzir, por exemplo, uma planta, ou um animal perfeito, nem causar, tam pouco, em um ser aquellas qualidades que são disposição proxima ou remota para sua produção, *verbi gratia*, os elementos destinados á organização d'uma substancia ou outras semelhantes. Para isto fundam-se n'aquella tam solida razão, allegada por Sancto Thomaz, que todo o effeito deve estar contido, d'um modo eminente ou virtual, na sua propria causa, o que não pôde ser applicavel ao nosso caso, pela desproporção intrinseca e essencial que existe entre aquella causa e esses effeitos, pois o anjo não contém eminentemente as dictas formas ou qualidades materiaes, por ser isto proprio sómente da causalidade infinita, nem tam pouco virtualmente, por não ter aquella similitude de natureza em que se acham constituídas (1). Claramente abonam esta affirmacão as palavras do Concilio de Ancyra, pelas quaes é condemnado o erro dos que sustentam que os demónios podiam produzir uma substancia por sua virtude propria, ou transformal-a em outra, ou mudar-lhe a especie (2).

Fica pois reduzida a actividade dos anjos sobre os corpos ao movimento dos mesmos corpos, para cuja intelligencia cumpre saber-se que por este movimento não só intendemos a mutação produzida nos corpos pelo movimento locomatriz, mas ainda aquellas mudanças ou transformações que nos mesmos se podem operar mediante a virtude movedora dos anjos, quer operem immediatamente por si mesmos, quer valendo-se d'outros agentes naturaes. Não fazemos mais que applicar aos corpos a nossa actividade mediante a força matriz, d'um modo natural ou artificial, procedendo immediatamente

(1) S. Thom. I, q. 110, art. 2.

(2) *Quisquis ergo credit, posse fieri aliam quam creaturam, aut in melius aut in deterius immutari, aut transformari in aliam speciem... nisi ab ipso Creatore (por si mesmo ou pelas causas naturaes) infidelis est.* (Tom. I Conciliorum in fine Conc. Ancyranum).

(1) S. Thom. I, q. 76, art. 8.

(2) S. Thom. I, q. 53, art. 2 ad 2. *Dum angelus movetur localiter, applicatur ejus essentia diversis locis.*

por nós mesmos ou pelo auxilio dos agentes da natureza, quando applicamos a nossa actividade natural a um corpo para destruil-o; quando o escultor applica o buril a um tronco para d'elle formar uma estatua; quando humectando na tinta a penna, a fazemos deslizar sobre o papel, para consignar no escripto nossos pensamentos; quando o chymico, combinando os agentes naturaes, produz seus maravilhosos effeitos; quando applicamos o fogo a um lenho e o reduzimos a cinzas; quando o lavrador deposita a semente na terra para que pela acção da agua e do calor, produza o fructo; quando pelos processos indicados na physica produzimos a electricidade; quando por applicação de agentes chymicos produzimos n'um corpo a decomposição, e assim em mil outros effeitos, realisados pela applicação das causas naturaes ou por meio da arte. E' pois isto o que pretendemos expressar quando affirmamos que a actividade dos anjos sobre os corpos se exerce por meio do movimento.

D'ahi facilmente se collige a grandeza da potencia angelica para operar sobre os corpos, sendo sua actividade muito mais perfeita que a nossa, muito maior o conhecimento que tem da natureza e das propriedades e forças nativas dos seres que compoem o universo, mais sublimes as combinações e applicações que pode inventar a subtilidade de sua pura intelligencia, incalculavel e sem comparação maior que a nossa a sua velocidade no movimento, que, pelo que deixamos dicto, se pode verificar em indivisiveis instantes n'uma infinidade de logares e em distancias incommensuraveis. E agora eis assás patente a razão por que os anjos, sem que possam fazer milagres, por que não está em sua mão alterar as leis da natureza, podem, nada obstante, realisar certos phenomenos que aos nossos olhos parecem verdadeiras, maravilhosas e estupendas realidades, attentando nós apenas à sua natural actividade e clarissima intelligencia, postas a seu serviço, como os demais agentes e elementos da natureza, sem nos referirmos aqui ao poder extraordinario que às vezes Deus concede aos anjos bons. Os escolasticos, tam inconsideradamente tractados em nosso seculo por quem jamais se deu ao trabalho de estudar suas obras immortaes, tinham uma formula breve, mas profundamente philosophica, para exprimir as operações dos anjos sobre a natureza corporea, dizendo, «que pelo movimento actuam sobre os corpos applicando activa passivis», que, pelo que já dissemos, veem a dizer que applicam aos

passivos, os agentes ou os elementos activos da natureza. E n'este mesmo sentido podem tomar-se aquellas palavras de Sancto Agostinho: *Angeli adhibent semina corporalia ad aliquos effectus producendos* (1).

Para remate, queremos todavia dizer uma palavra ácerca das aparições feitas aos homens pelos anjos, revestidos de forma corporea.

E' crença mui universal e constante da Igreja, que os anjos hão apparecido muitas vezes aos homens sob formas corporeas, ou humanas, como se tem verificado com os anjos sanctos, ou de brutos animaes e outras horriveis figuras como se dá com os demonios, de sorte que fóra grave escandalo para os fieis, e quasi motivo de detrimento de fé, a negação de taes aparições. E, em verdade, na forma de serpente appareceu e falou Satanaz a Eva no paraiso (2); na figura de peregrinos appareceram tres anjos a Abrahão (3) e dois a Lot, na cidade de Sodoma (4); em forma de esbelto mancebo tractou com Tobias o Anjo S. Rophael, companheiro de sua viagem por espaço de muitos dias, vivendo e conversando com elle (5); em o Novo Testamento lemos que em forma corporea appareceu e falou o Archanjo S. Gabriel à Sancta Virgem (6) e o diabo a Jesus no deserto (7), sem nos referirmos a outras muitas congeneres aparições.

Apparições como estas deram logar a profundas investigações dos theologos, que por ser prolixa tarefa não podemos referir circumstanciadamente n'este logar. Opinaram uns que, ao apparecerem os anjos em forma corporea, se revestiam d'um corpo preexistente, que lhes servia como de orgão ou instrumento material, explicando assim os que seguem Sancto Agostinho a aparição e locução do demônio em forma de serpente à primeira mulher no paraiso de delicias (8). Outros, ainda que em pequeno numero, disseram «que as aparições eram somente effeitos da imaginação ou phantasia, produzidos por virtude angelica, segundo os quaes se reduzia tudo a uma illusão dos sentidos externos.» Outros, finalmente, allirmaram pelo contrario, «que taes corpos eram verdadeiros e reaes, formados pelos mesmos anjos,» divergindo porém em se eram corpos dotados de organização

animal no tocante à disposição accidental de cada um de seus membros, ou se eram tam somente corpos verdadeiros e sensiveis, considerados debaixo da razão geral de corpos, com sua quantidade, côr, figura, densidade, etc., porém de nenhum modo verdadeiros corpos animaes com sua organização real e appropriada.

Pondo de parte os fundamentos em que os auctores apoiam estas opiniões e prescindindo da questão dos factos singulares, entre os quaes é difficil, para não dizermos impossivel, chegar-se a uma conclusão definitiva, porque pôde terem-se dado casos em que o anjo tomasse um corpo preexistente, como, no intender de Sancto Agostinho, era a serpente do Eden, e outros casos em que haja sido pura imaginação ou illusão sensitiva, com Sancto Thomaz diremos, de harmonia com a opinião dos mais graves Doutores, que os corpos em que apparecem commumente os anjos, são reaes e verdadeiros debaixo da razão geral de sua corporeidade, formados instantanea e transitariamente pelos mesmos anjos, nas regiões do ar, de substancias subtilissimas, tomadas do mesmo ar, vapores e outros elementos sensiveis, combinados e condensados pela virtude angelica tam superior à nossa, resultando, do conjuncto, um composto que figura a especie ou representação de um homem ou de outro corpo puramente animal. Nada ha que não seja conforme à Sagrada Escripura e à Tradição, à sã philosophia e ao bom-senso, n'esta famosa theoria, assente na base da efficacia da força motriz angelica e da multipla variedade de substancias materiaes subtilissimas, que se encontram na atmosphera e na terra, postas em combinação mediante a rarefacção e a densidade, a reflexão e a refracção da luz, a acção do calor e das diversas forças physicas e elementos chymicos da natureza, cuja variedade e efficacia os anjos melhor conhecem que os homens, os quaes, apesar de sua inferioridade, tantos e tam portentosos phenomenos sabem produzir com os auxilios da sciencia e os recursos da arte.

Impelliu-nos ás explicações precedentes a consideração de que d'ellas depende a verdadeira intellecção de muitos dos phenomenos que hão de ser o objecto do nosso estudo e de muitas das verdades catholicas a que nos hemos de referir.

Admiremos entretanto a sabedoria e omnipotencia de Deus, que se dignou aformosear e enriquecer o universo com tam maravilhosa multidão d'esses bemaventurados espiritos que, occupando o primeiro logar na ordem da crea-

(1) S. Aug. lib. 3, de Trinit. cap. 8.

(2) Gen. III, 1-5.

(3) Gen. XVIII.

(4) Gen. XIX.

(5) Tab. VI-XI.

(6) Jac. I, 28 et seq.

(7) Matt. IV, 1 et seq.

(8) S. Aug. lib. 4 de Civit. cap. 2.

ção, se communicam por admiravel processo com o homem, entretendo-se com elle, servindo-lhe de guarda tutelar, e, para que assim digamos, formando connosco uma só familia, pe-nhor seguro e presagio consolador da perfeita sociedade que formaremos com elles na patria bemaventurada, segundo os amorosos desiguais de Deus clementissimo.

(Continúa)

Dr. D. Salvador Casañas y Pagés.

SECÇÃO CRITICA

O appello da «Ordem»

ESTE valente campeão da causa catholica, que tão denodadamente tem combatido o bom combate, não de escaramuça ou de indisciplinado guerrilheiro, mas em campo raso, no terreno indicado pelo immortal Pontifice, «A Ordem» suspendeu a sua publicação diaria POR FALTA DE PAGAMENTO DAS RESPECTIVAS ASSIGNATURAS!

Todos os dias sae dos nossos grandes centros grosso enxame de zanganos periodicos, que se fazem porta-vozes das doutrinas mais absurdas; que encobrem altas maroteiras e defendem creditos duvidosos; que mancham os caracteres mais honrados; envenenam as intenções mais rectas; fazem todo o mal que podem, e estes jornaes são lidos, são comprados, são pagos, são propagados!

E o jornal que defende a Religião que nos fez grandes, o jornal que se desvia do lodagal politiquero, o jornal que em suas columnas, da primeira à ultima linha, cumpre à risca o seu programma de verdade, de paz, de honra, de fé em Deus e respeito à authoridade, o jornal assim é desprezado!

Se o jornal catholico advogasse a revolta contra o poder constituido, se prégasse ao operario que deve de ser meheiro no capital do patrão, pintasse o crime com as côres mais seductoras, e lisongeasse a loucura do suicida, e elevasse ás honras d'um altar o justicado, outra seria a sorte do nosso jornal.

Em um paiz christão, catholico, em a nação fidelissima, o jornal impio ou indifferentista é uma mina, um el-dorado, e o jornal catholico, em vez de progredir, desinha-se, morre POR FALTA DE RECURSOS!

Vergonha, se vergonha ha n'este paiz das desvergonhas.

Os jornaes que advogam a causa de

Satanaz e com satanica astucia, são protegidos! Os que defendem a causa de Deus, são lançados ao ostracismo!

Que incoherencia!

E não são lançados ao ostracismo, mas ainda, o que é peor, ROUBADOS! por que quem lê o assigna, subscreve um contracto; a empreza, pela sua parte, cumpre, porque compra o papel, remunera os empregados, typographos e distribuidores, escreve, observa o programma, envia emfim o jornal; mas em troco recebe... CALOTES! Que ausencia de caracter!

Um jornal que tem à sua frente notabilidades do nosso mais notavel estabelecimento scientifico, um jornal que é lido no Vaticano, despreza-se, calotea-se; e o pamphleto subscripto por nullidades sem um exame de instrucção Primaria, e o periodico que leva diariamente ao seio da familia honrada o virus da descrença, da rebeldia, da devassidão, é lido, é pago, é protegido por catholicos do reino fidelissimo por ministros (quereríamos convencer nos de que são poucos) da Santa Religião! Que falta de pundonor, para não dizer de fé! Como será tremendo o *red de rationem* no grande dia das amarguras!

Paes de familia — depositarios de joias preciosas confiadas pelo Criador à vossa solicitude, como preciosas, inestimaveis são as almas de vossos filhos e filhas — feche a porta ao jornal impio, ao jornal indifferentista, ao jornal d'um catholicismo de occasião. Por mais ajuizados que sejam vossos conselhos, por mais irreprehensiveis os vossos costumes, e por maior a vigilancia que exercéis sobre a familia, tudo será baldado, tudo perdido, se ahí penetra a serpente do periodico janeirista. (1)

«Mes devoirs de père se reduisent

(1) O emprego d'este termo suggeriu-nol-o uma carta que, acerca da imprensa corruptora, escreveu o saudoso Mgr. Freppel a M. Lammens, eminente senador belga, e por este, ha dias, publicada. Dizia elle:

«O «Figaro» opera, a dose lenta e continua, um envenenamento do espirito publico: septicismo politico, miscelanea de corrupção e religiosidade, estylo e costumes Regencia, apothose de Zola e Renan, naturalismo materialista, dilettantismo theologico, junto com uma ridicula e compromettedora adulação para com o Vaticano... esta folha destestavel conglobou tudo isto em um systema a que podemos chamar — o *figarismo*, tornado predominante em uma grande parte da nobreza e burguezia... E' urgente, hoje, na França e Belgica, uma reacção vigorosa contra a elegante corrupção do «Figaro». «*Mutatis mutandis* não devemos applicar estas palavras do celebre prelado a uma grande parte dos nossos actuaes periodicos, e do rotulo do seu orgão principal não podemos deduzir o termo — *janeirismo* —, que definiu o seu depravado systema?

tous à un seul: défendre les intérêts de Dieu dans le cœur de mon fils», dizia o coronel Paqueron, que já aos vinte e dois annos era um heroe. E como guardaes vós os grandes interesses de Deus, que são os interesses de vossos filhos, os vossos proprios interesses?! Quem faz parricidas de jovens de quinze e menos annos senão é a falta de crença, de piedade, de temor de Deus, porque, quem não sabe temer nem respeitar o Pae do ceo, não pode respeitar nem temer os paes da terra? E quem arranca a fé aos vossos filhos senão é o mau livro, o jornal avariado, que lança a sua pedrada à Igreja toda a vez que as suas conveniencias o não dissuadam?

Collegas no sacerdocio: — quem estimula o vadio, o garoto de cigarro brejeiro, o marçano engratado, o caixeiro do balcão, o pedante com um verniz de sciencia, a motejar-vos, a insultar-vos, a apedrejar-vos como a cães damnados, quando, mansos como o Divino Mestre, tranquillios, pacificos, como de paz e tranquillidade é a consciencia do justo, passaes pelas ruas das cidades, das villas, das aldeias, até, d'este paiz n'outra ora tão respeitador de tudo que recordasse Deus?! Onde aprendem elles insultos tão soezes, palavras tão de bordel? E', devo dizel-o, nos jornaes que, salvas honrosas excepções, muitos de vós assignam, pagam e... propagam!

Grandes industriaes, ricos commerciantes, homens do capital e do poder — sabeis quem preparou a bomba contra a companhia de Carmaux? quem lançou na desordem esses feroces anarchistas? Olhae para o vosso balcão, subí e vede o que vossas filhas leem: foi o mau jornal, que vossos caixeiros commentam e vossas filhas devoram. Quem fez os anarchistas de Xerez? o mau jornal. Quem armou o braço d'um Léauthier? o mau jornal. Quem levou ao hotel Very um Bricon? o mau jornal. Quem deu audacia a um Pallas contra Martinez Campos? o mau jornal. Quem introduziu no palacio Bourbon um Vaillant, sequioso de sangue e das vidas de centenas de deputados? foi o mau jornal. E o mau jornal foi o catecismo por onde leu Troppman, Prado, Lacaenaire, Pranzini, Emile Henry; o mau jornal é a cartilha que estudam os que um dia, breve talvez, farão em estilhas os vossos côres, que, apesar de resistirem à prova de fogo, serão barro ao choque da dynamite, tão bem manipulada pelo receituario do mau jornal. Quereis ouvir a confissão que nos ultimos momentos fez uma d'estas feras? Léauthier, perguntado se sentia ou não pezar pelo attentado contra o ministro, respondeu com todo o cynismo — aucun (nenhum) ce que vous appelez mon

crime, c'est un acte de propagande, c'est *une belle action*. «E quem te ensinou, continuou o juiz, taes doutrinas?» *Les journaux*, e esta resposta do criminoso diz tudo.

Ravachol, junto da guilhotina, ao sacerdote que o convidava ao arrependimento, respondeu: «não ha Deus; se eu cresse que elle existia, não teria feito o que fiz». Ponham n'isto os olhos

E se a minha voz chegasse aos ouvidos dos que nos governam ou des-governam, chamar-lhes-ia a atenção para a resposta que, ainda ha dias, deu Emile Henry ao juiz encarregado de instaurar o processo sobre o atentado do restaurante Terminus— Eis suas mesmas palavras: «De quel droit m'interrogez-vous? J'appartiens à l'humanité au même titre que vous, et

mesmos padres, guardas e defensores da fé, concorram com a sua leitura, com o seu nome, com o seu dinheiro, com o dinheiro que esmolam da piedade, para a sustentação de taes viculculos da corrupção, é simplesmente inaudito; só vendo se acredita.

Mas não pára aqui tamanho desatinho. A exemplo dos nossos irmãos d'Alem-Rheno, alguns ousados catholi-



NA VOLTA DA ESCOLA

os jornalistas dados à ingloria tarefa de deschristianisar os portuguezes, e mais aquelles que os estipendiam como traidores à religião, à patria, a si mesmos.

Se os barbaros modernos lessem o Evangelho em vez dos folhetins e artigos revolucionarios, se estudassem o catecismo em vez de explosivos, seriam operarios honrados, bons christãos e, portanto, bons cidadãos.

l'autorité que vous avez, vous la tenez des bourgeois. Je ne la reconnais pas». Subscriptada aos que por aqui pregam que o poder não vem de Deus.

Que cegueira, pois, deixar correr livremente jornaes que fazem propaganda das doutrinas mais deleterias! E que sejam myopes, que sejam cegos os homens da governança, vá, porque são quasi todos carimbados pelas lojas; mas que os catholicos, que os

cos, fleis aos conselhos do grande Leão, que nos indigita a imprensa como a melhor arma de combate, fundaram jornaes rasgadamente defensores da sã doutrina, a fé catholica, unica edonea para volver melhores dias á nossa querida e desgraçada patria. E esses catholicos, que n'estes tempos de corrupção e indifferentismo bem poderamos chamar heroes, gastam tempo, arriscam capitaes, sacrificam a



O CHEFE DOS CRUZADOS

saude, trabalham, labutam, e são não só desprezados, mas tambem... caloteados. Se os anarchistas esqueceram o quinto mandamento, muitos catholicos portuguezes OLVIDAM O SEPTIMO!

Portuguezes, sacerdotes ou leigos, quem quer que sejais, arredai para longe de vós o jornal que vos insulta a fé, que esgarra em vossas crenças.

E não é só o papel desbragado, o pamphleto insultante, o jornal declaradamente impio, que deveis evitar, guerrear até. A maior parte dos que atacam a nossa Religião, fazem-o com mais astucia: dizem-se catholicos e até por vezes trazem grandes tiradas de prosa em honra do Christo e da sua doutrina; mas quando muito bem lhes parece, claudicam nos principios mais rudimentares do catecismo. Dizem-se catholicos, e, toda a vez que um apaixonado mal correspondido se arremessa d'um quarto ou quinto andar ou despeja um revólver contra os miolos, não deixam de elogiar o suicidio. Dizem que acatam a Religião do Estado, e todavia barafustam contra as festas religiosas, escarnecem dos sacramentos da Egreja, berram contra o descanço do domingo. Dizem-se respeitadores dos ministros do altar, e todavia olham-os como os párias da sociedade; e se por vezes ensaboam com um elogio de illustrado, de exemplar, de conhecedor do seculo a um ou outro ecclesiastico, é, crede-me, para ser mais destro o golpe sobre a classe. Se não achaes veridicas as minhas palavras, crede em vossos olhos: lêde, reparai, e vereis que só digo a verdade, mas nem ainda toda a verdade.

Portuguezes, verdadeiros portuguezes, lançai ao monturo os jornaes d'um patriotismo duvidoso; catholicos, sinceros catholicos, repelli os papeis

de doutrinas avariadas; sacerdotes de Deus, pastores das almas, se nem todos podeis ou quereis fazer como um S. Francisco de Sales contra os protestantes, ao menos nada de braços cruzados; na medida das vossas forças guerrear o inimigo que penetra no seio das familias, no lar do vosso amigo, ah! na vossa casa, talvez, onde arteiramente vive a peor das causas—a causa do mal.

Assignai, propagai, concorrei com o vosso obulo para a sustentação da imprensa rasgadamente catholica. E' uma obrigação de patriotas. é um dever a grado de christãos. Porque preferis aos bons os maus jornaes? Será pelo numero ou frescura das noticias? Os jornaes catholicos apontam as mais importantes e com a possivel brevidade; a «Palavra» tem uma secção telegraphica muito razoavel; a mesma «Ordem» soe trazer uma summula dos factos mais notaveis tanto caseiros como do estrangeiro, e estas secções melhorariam muito, uma vez que superadas fossem as difficuldades financeiras com que luctam as respectivas empresas. Será pelo folhetim? Oh! muito se poderia dizer ácerca dos folhetins da maior parte dos jornaes que por ahí correm; mas se tal é o gosto dos leitores e leitoras, a «Ordem», o «Novo Mensageiro», o «Progresso Catholico» principalmente teem publicado admiraveis folhetins: deleitam sempre, por vezes instruem e nunca desmoralisam. Será a polemica, a critica que attrahe tal preferencia? A «Palavra», o «Progresso Catholico», a «Ordem», o «Novo Mensageiro» na sua *Defeza dos interesses do Coração de Jesus* satisfazem os mais exigentes.

Porque, pois, tão errada preferencia?

Por causa dos respeitos humanos? Talvez.

Conheço individuos, que, escravos do tal papão n'este seculo de liberdades, não assignam jornaes catholicos para não serem apontados como ultramontanos, fanaticos, jesuitas e outros nomes feios!! A estes que taes, se são portuguezes, chamo-lhes cobardes; se catholicos, e sobretudo ministros do altar, traidores é o seu nome.

Os jornaes a que acabo de referir-me merecem as vossas preferencias. Fallei d'estes, mas de alguns mais o podia fazer; porque, louvar a Deus, já temos em Portugal mais jornaes rasgadamente catholicos do que havia na Allemanha alguns annos antes do kul turkampf, que, devido á imprensa fiel ao Vigario de Christo, passou á historia das prepotencias dos tyrannos. O que cá não temos é assignantes como os de lá, e o que, talvez, elles lá não tiveram foi caloteiros como os de cá.

Esta é que é uma verdade, uma durissima verdade, e ao mesmo tempo uma deshonra que esmagará continuamente a consciencia de quem assim procede.

Arco de Baulhe, 27—2—94.

Padre Bento G. Queiroz.

Replica á replica

Recebemos a seguinte carta:

Snr. Redactor.

Em carta dirigida ao snr. conego Gonçalo Joaquim Fernandes Vaz, de Braga, e tornada publica pelos jornaes *O Progresso Catholico* e *A Palavra*, procurei demonstrar, ainda que ligeiramente, a inanidade dos argumentos com que sua ex.^a pretendia justificar o seu escandaloso e revoltante procedimento para com o nosso venerando Arcebispo.

Bem sabia eu que as minhas razões não levariam a convicção ao animo de sua ex.^a; mas pelo menos, esperava que, rebatendo-as, o faria por uma forma digna e alevantada.

Enganei-me redondamente. Sua ex.^a só teve—para me responder, insultos grossaceiros, linguagem da bodega—e calumnias ridiculas.

Que eu sou um «potulante sem classificação... lazarenta alimaria... sandeu... deshonra e escoria da classe sacerdotal», affirma o snr. conego Vaz. Deixo ao publico, que nos conheça a ambos, a apreciação da justiça e da auctoridade com que sua ex.^a falla.

Diz, mas não prova, que a minha carta contém «sandices..., estulticias..., absurdos..., injurias e... insultos.» E' falso; mas, quando fôra verdade, seria, ao menos quanto aos insultos, uma represalia facilmente justificavel.

Escreve tambem o sr. conego Vaz, sem duvida com o intuito de me fazer passar por um tipo repellente, que já investi «contra o snr. dr. Brito, hoje Bispo d'Angra», que mordi «o snr. conego Boavida» e ergui minhas «vistas audazes contra o sr. dr. e conego Alves Matheus»; mas que estes «distinctos homens» me «responderam com o desprezo».

Desafio e intimo o sr. conego Vaz a provar d'uma maneira clara e irrefragavel como e quando foi que eu investi «contra o actual e illustre Prelado d'Angra, com quem sempre mantive as melhores relações.

Venha de lá essa prova, snr. dr. Vaz; não o largarei enquanto me não puzer tudo em pratos limpos. Nem lhe valerá a valvula de segurança, já posta

no seu aranzel, de quo me não prestará mais «consideração». Venha de lá isso. Quanto aos snrs. conegos Boavida e Matheus, não fiz mais do que apreciar, nos *Retrospectos* do *Progresso Catholico*, o procedimento de suas rev.^{mas} na questão do restabelecimento das Ordens religiosas. Combati-os, como o fizeram muitos outros, porque a consciencia me ditava que o devia fazer.

E' a isto que o snr. conego Vaz, com aquella lealdade, que basta para lhe definir o caracter, chama morder! Se os dous «distinctos homens» deixaram de responder-me por desprezo ou não, pouco me importa. Quando escrevo é para dizer verdades e não para adular personagens.

Depois o snr. conego Vaz, fazendo a minha biographia, (eu podia fazer tambem a d'elle e mui circunstanciada, pois me sobram os elementos, mas repugna-me tão ingloria tarefa) tira do seu degenerado bestunto umas bellezas que, em verdade historica e rigor grammatical, deixam a perder de vista as famosas producções do auctor do *Assassinato da Senhora do Sameiro*.

Diz sua ex.^a:

«O snr. Padre J. A. R. Junior em 1888 a 1889, tempo em que foi nosso discipulo, assigna se João Antonio Ribeiro, era numero 26 da nossa aula, teve uma frequencia muito pouco regular, pois deu mais de dez faltas, e uma lição pouca lisongeira no dia onze de Março de 1889; as faltas foram dadas quasi todas nos ultimos dias de aula, para se evadir a ser chamado novamente: já isto dava esperanças do mui attencioso que seria para com os que foram seus mestres; pelo Junior não o conheciamos.»

Quando estudante assignava-me João Antonio Ribeiro, pois era leigo e não havia outro na minha familia com egual nome: depois de ordenado adoptei o Junior por causa de meu tio, o Padre João Antonio Ribeiro, com quem passei a viver. E que vai n'isto? Saiba o rev. conego Vaz que eu não tinha necessidade de me disfarçar, porque, felizmente, tenho procurado, (pouco dizel-o sem vaidade, mas com verdade) honrar os meus habitos e a minha classe.

E' falso que eu desse as faltas no fim do anno para me «evadir a ser chamado novamente»; dei-as, n'aquelle tempo, porque logo depois de ter sido chamado á lição retirei, por motivo de doença, que já ha muito soffria, para a casa de meu pae, d'onde só voltei a Braga, para fazer acto.

Porque me não chamou sua ex.^a mais cêlo, como a tantos outros felizes?

Se a lição que dei foi pouco lisongeira ou não, decida-o o rev. conego

Vaz, que tem de escolher entre a verdade do que agora afirma e a injustiça com que então procedeu, pois me approvou plenamente.

Continua o snr. conego Vaz:

«O snr. Padre João Antonio Ribeiro, foi cabo no regimento de infantaria 8; e depois veio alistar-se na milicia ecclesiastica; mas, quando estudante, havia escripto na porta do seu quarto — aqui não entram ratos de sacristia; se estas informações são veridicas, por ellas se podem bem desculpar a linguagem de que elle usa nos seus escriptos: pois é mui propria da tarimba em que repousou: foi servido com o rancho de galucho.»

«...se estas informações são veridicas», diz o snr. conego Vaz: mas, não o sendo, como ousou sua ex.^a afirmar tão categoricamente o que escreveu a meu respeito? E' isto digno? é leal? E' simplesmente desprezível.

Proseguindo aquella forma d'estylo tão sua, que o ha de levar ao pantheon da gargalhada, diz ainda o snr. conego Vaz que eu aspiro «ao encarte de perfeito» (o italico é d'elle) no Seminario de Guimarães onde, aliás, já residio exercendo este cargo, e que para o obter queimo «o incenso da mais vil adulação», dirigindo «affrontas para a esquerda e para a direita...»

E' uma insinuação torpe, que revolta e indigna. O snr. conego Vaz não admite que se tenha independencia bastante para dizer verdades que lisonjeiem os superiores, senão com a mira no sordido interesse. E tantas vezes o repete, que a gente fica a perguntar a si mesmo se elle já alguma vez conseguiu cousa alguma sem usar as baixas lisonjas de todos os interesseiros.

Saiba o snr. conego Vaz que o modesto logar, que occupo e para onde entrei sem compromissos previos nem futuros, satisfaz por completo as minhas aspirações, não tendo, por isso, necessidade de recorrer aos baixos processos da adulação.

Somos chegados ao Calvario (calvario da grammatica, entende-se). Diz o snr. conego Vaz:

«Para melhor se conhecer, lembremos ao snr. Padre J. A. R. Junior o abandono em que deixou seu velho tio, quando enfermo e impossibilitado de curar o beneficio de que era parochico, virou-lhe as costas, e recusou-se a prestar os auxilios que pedia, como sacerdote, que era: veja-se; isto define o aspirante a perfeito do Seminario de Guimarães.»

Não abandonei tal. Quando passei a residir no Seminario, meu tio era, effectivamente, parochico, mas estava prestes a deixar de ser-o; não estava doente como o snr. conego afirma, e

quando depois adoeceu, acompanhei-o até o seu completo restabelecimento com sacrificios da minha saude e dos meus superiores do Seminario. Porventura, estava obrigado a mais?

Admittindo, porém, que todas as afirmações do snr. conego Vaz fossem veridicas, o que provaria tudo isto contra a doutrina que expendi, quando reprovei o procedimento de sua ex.^a? Pois, insultos e calumnias são arguimentos?

Quer o snr. conego Vaz que eu lhe dê razão?

Apoie-se em motivos fortes e convincentes, fundamente o seu procedimento com argumentos claros e irrefragáveis, e terá conseguido o que deseja.

Por emquanto, como ainda não formulou um só argumento sério, como só tem usado para commigo uma linguagem desbragada, como ainda não respondeu ao ponto essencial da questão, que nos divide, continuarei na convicção de que sua ex.^a entupiui com a minha carta e agora, estorcendo-se nas ancias do mal-estar, que ella lhe causa, explode em affrontas e vituperios.

Perdoe-lh'os de todo o meu coração, pois, felizmente e apesar de tudo, ainda me não fez perder a serenidade.

Concluindo, lembro á illustrada empreza de *O Progressista* que está causando verdadeira estranheza o facto de n'ella se encontrarem cavalheiros dignos e que se prezam de catholicos, os quaes permitem ao snr. conego Vaz que faça d'aquelle jornal o vasadouro das suas diatribes contra o snr. Arcebispo. Só uma demasiada condescendencia e um injustificavel receio do... papão, podem explicar um tal procedimento. Offereço estas considerações ao meu excellentissimo patrio o snr. Domingos Pereira d'Azevedo, o unico que conheço dos cavalheiros que, segundo me informam, constituem aquella empreza.

Sou snr. redactor, com toda a consideração,

De v. etc.

Guimarães, 27—2—94.

P.^o J. A. R. Junior.

SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

«Anno Christão»—Saiu já a 4.^a caderneta d'esta esplendida publicação, para a qual o seu benemerito editor, sr. Antonio Dourado, abriu nova assignatura.

Se algum de nossos leitores ainda não possui esta obra indispensavel na bibliotheca das familias christãs, digne-

se appressar-se em obtel-a, certo de que difficilmente encontrará obra de tam relevante utilidade. Pôde dizer-se que o lar onde o ANNO CRISTÃO fôr lido, é um santuario de paz em cujo recinto florescem todas as virtudes do christianismo.

A amenidade, a piedade, a instrução religiosa, com plena segurança e notavel copia, alli se encontram segundo a capacidade de todos os espiritos e em harmonia com as exigencias de todos os corações.

Agradecemos ao sr. Dourado os fasciculos que nos remetteu e damos-lhe sinceros parabens pela divulgação de uma obra de tam largo alcance.

Continua a assignar-se em casa do editor, rua dos Martyres da Liberdade, 165—PORRO, em todas as livrarias do reino e em casa de varios correspondentes.

«Portugal em Africa»—Revista scientifica; publicação mensal; Director: Quirino Avelino de Jesus, bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra.

Seja bem vinda a formosa Revista e preencha briosamente a lacuna lastimavel, sentida ha muito na imprensa portugueza. As pessoas a quem está confiada e a bandeira que desenrola são um auspicio seguro d'um porvir repleto de gloria.

«A nossa revista, diz a Redacção, será eminentemente practica. Quer no campo da religião, quer no da sociologia, quer no das sciencias naturaes, embora não possamos nem devamos pôr de lado o ponto de vista theorico, procuraremos acima de tudo imprimir ao nosso pensamento uma direcção positiva, divulgando principios e elementos de applicação que possam ser utilizados pela instrucção, pela agricultura, pela industria, pelo commercio, pela navegação, pela arte, pela economia domestica e principalmente pela colonisação.

«A revista *Portugal em Africa* defenderá com entusiasmo e energia as missões religiosas, sobretudo formadas por membros das congregações regulares, na convicção profunda de que esse é o primeiro, mais efficaç e mais economico factor da civilisação ultramarina.

«A nossa revista será franca e orthodoxamente catholica. Todos os nossos esforços, immediatamente subordinados aos altos interesses da nossa patria, estão superiormente encaminhados aos inexcediveis ideaes do christianismo, a religião da humanidade. A philosophia social verdadeira, a que não sai da phantasia mas sim da historia, faz-nos ver que todos os progressos modernos, scientificos e materiaes, progressos realmente grandes

e que abraçamos em nome da razão e da propria fé, acham-se providencialmente destinados a facilitar a larga diffusão e a fructificação intensa dos divinos principios do Evangelho.»

Basta. Os nossos leitores ficam assás informados do plano vastissimo do *Portugal em Africa*, cujo advento ao campo da imprensa saudamos fraternal e entusiasticamente. Sabemos que ao Ex.^{mo} Nuncio de S. Sanctidade em Lisboa agradou de tal modo a nova publicação, que prestes a enviou ao Summo Pontífice e Em.^{mo} Cardial Secretario.

Cumpra agora ao povo portuguez dar protecção generosa á preciosa revista, que se assigna por 1\$200 reis annuaes, devendo toda a correspondencia ser enviada á rua Nova do Almada, 80, LISBOA.

SECÇÃO LITTERARIA

Tomada de Damiatá (1) por Pelagio, cardeal portuguez

1219

(AOS MEUS AMIGOS VIMARANENSES)

I

Deus o quer: disse a Europa marchando
Ao pregão do inspirado Eremita,
E uma vez do tyranno islamita
Libertou a chorada Salém.
Reis e povo—junotara de novo
Este brado, dos mares além.

Deus o quer: nas ribeiras do Nilo
A's phalanges do campo cruzado
Proclamou pontificio Legado,
Arvorando o estandarte da Fé.
A tal grito—tremeu todo o Egypto
Desde a praia do seu Mensaleh.

(1) Visto que o formoso romance que actualmente publicamos offerece a nossos leitores uma rapida narração da tomada de Damiatá, na cruzada capitaneada por S. Luiz rei de França, que a tal empresa se consagrou por voto feito n'uma gravissima doença, vem a proposito a publicação d'uma primorosa poesia, inspiração d'um dos mais benemeritos Padres da Companhia de Jesus, conhecido de muitos de nossos leitores, e actualmente consagrado ás missões da India portugueza, para onde partiu ha pouco tempo.

A mimosa poesia põe em relevo a proeza d'um heroico vimaranense, o cardial Payo (ou Pelagio) Galvão, que, desprezando as grandezas de sua casa, se alistou entre os conegos regrantes do convento da Costa. Passou a formar-se em theologia na Universidade de Paris, foi mestre-eschola na collegiada de Guimarães, e enviado a Roma a prestar obediencia a Innocencio III, alli ficou detido por este Pontífice que o subiu ás mais altas dignidades. Honorio III nomeou-o delegado apostolico na cruzada de S. Luiz, na qual se distinguio o esforçado portuguez, concorrendo grandemente para a conquista de Damiatá, que era, por assim dizer, a chave do Egypto.

«Ao assalto! derroquem-se presto
Essas grimpas que a lua remata;
Verdes palmas lá tem Damiatá
Para a mão que ceifal-as sonber:
A' peleja,—valentes da Egreja,
Ao triumpho da cruz! *Deus o quer*».

II

De fileira em fileira ás erentes hostes
Com voz de fogo dardejando brios
Vai Pelagio Galvão, a quem no peito
(Sagrado peito, aos annos e fadigas
Não rendido jámais,) arde em bravura
O coração sempre animoso, e sempre
De portuguez; que em vimarenses campos
Se acalentou seu bem-fadado berço.
A' frente agora cavalgando intrepido,
Com o heroico Brienne e seus arautos,
Vê tudo prestes já. Sublime ascena
Com repousado olhar e ledo rosto,
Entre os raios do sol que lhe rutilam
Na longa argentea barba e no purpureo
Capelhar sobreposto á cota d'armas.
Com seus aprestos vão deante afoutos
Escaladores. Eis o longo exercito
Se desdobra em silencio cauteloso;
Qual enconchada lucida serpente
Para o ninho proar d'ave inimiga
Vai por agras veredas, manso e manso,
Tacita errando. Oh como alegres marcham
«Em nome de Jesus e da Mãe Virgem!»
Depois de lento cerco e assidua lucta
Esperanças todos na victoria
Que tres vezes, dobrando sobre o solo
Os armigeros corpos e beijando
A cruz da espada ou do broquel, rogaram
Ao Senhor das batalhas... Desce a noite,
Que ha-de encobril-os no calado assalto
Com o propicio manto. Pouco e pouco
Os astros que espreitavam do horizonte
Toldaram-se, cavairam-se entre as azas
De fuso vendaval. E' tudo lobrego.
Acastelladas nuvens ameaçam
Com o surdo rumor do bojo escuro,
Perto, a cidade descuidosa e muda.

III

Além na muralha que vultos campeiam?
Que mudos phantasmas a torre acolheu?
Serão os cruzados?... E' vel-os que alteiam,
A' luz do corisoo, balaão europen.

E tu, Damiatá, não sentes que tremem
Teus muros calçados por pés de christãos?
Accode ás vigias que pavidas gemem,
Que morrem inultas dos francos ás mãos!

Não surges, cidade? Prostron-te o desmaio?
Ou soubas os sonhos do insano Alcorão?
Os céus te despertam com a ira do raio
E bradam-te morte no crebro trovão.

Do inerte presidio rompendo o quebranto,
Já ousam latinos victoria clamar;
Acercam-se as hostes, repetem o canto
Que aos anjos outr'ora se ouviz modalar.

A voz de Pelagio desfora mais alto:
«Louvamos-te, ó Deus; a Ti gloria, Senhor.»
E logo as esquadras impelle ao assalto:
«Subir ao alcaçar; ávante, valor!»

O ingresso já forçam; e as portas cedendo
Aos rigidos golpes, ao fogo voraz,
Dão larga passagem ao impeto horrendo,
Que avança, braveja, derrubá, desfaz.

Fraes alaridos, ufanos cantares,
E baque de torres, e horrivel tropel,
E rubidas chammas alando-se aos ares
Dão tristes annuncios ao campo infiel.

IV

«A nossa estrella declina
(Geme o sultão no arraial):
Caiu a joia mais fina
Do meu turbante real;
A lua-oris tal ruina
Signalou n'aquella noite
Do seu desmaio fatal:
Fujamos no fero açoite
Que vibra o anjo da morte
Pelo braço audaz e forte
Do portuguez Cardeal.

«De Allah o funesto enojo
Leio do céu no cariz;
Se pugnar é louco arrojo,
Fujamos d'este paiz:
Fujamos; mas o despojo
De arraial tão rico e vasto,
Antes que ás furias hostis
Dêmol-o ás chammas em pasto:
Sirva o clarão de alvorada
E soem á retirada,
Soem já os auafis.»

V

Em quanto, á redea larga e fitos martelletes,
Vão ao longe voando os arabes ginotes
Em torvelins de pó,
Rompe a aurora no céu, dissipa a tempestade;
E trémula parece em vista da cidade
Esmorecer de dó.

Onde era Damiatá, é vasto cemiterio,
Que negreja mostrando ao arrebol etherio
Medonha hediondez;
Inumeros montões de corpos pestilentes
E raros vacillando espectros de viventes
Em tabida nudez!

Eis Pelagio de assombro e magua possuido:
E' vencedor, mas chora aqui sobre o vencido
E n'alma se condoe;
O pranto já succede aos canticos festivos,
Que sentindo o guerreiro horrores compassivos
Mostra-se mais heros.

E n'isto já o sol, purpureo soberano,
Subia a diffundir de luz um oceano
Nu vastidão dos céus,
Ridente coroando em aureos esplendores
Sobre o crescente alçada a cruz dos vencedoras
Nos altos coruchéus.

«Porque, dourado assim dos raios da victoria,
Esse eternal pendão no vertice do Moria
Outra vez não reluz?»
Perguntava o cruzado em seu fervor ovante,
E Pelagio tornava:—O' campeões, ávante,
A'vante pela cruz!

Padre João Seraphim Gomes.

RETROSPECTO

Trabalho de parte, leitor amigo, e vá um bocado de palestra. Tanto tempo ha que nos não vemos...

Pois não é que tenha faltado assumpto para a cronica... Tem havido que farte e, o que é mais, tem-n'o havido appetitoso. Mas, como dar tempo a cavaco, quando se tem obrigações inadiaveis, permanentes, a cumprir? Bem precisa a gente de dar folga ao espirito, (desopilar o baço, como soe dizer-se em estilo croniqueiro) para que não o cansem trabalhos e mortificações atu-

radas. Vá, pois, um bocado de palestra, leitor amigo. Trabalho de parte.

A Associação Leão XIII.—Passou no dia 19 de fevereiro o primeiro anniversario da sua installação. Houve festa, como não podia deixar de ser, festa intima—uma academia litterario-musical para os socios e suas familias. Musica, discursos, poesia tudo á altura da solemnidade da festa.

Alem do Ex.^{mo} Presidente dr. conego Antonio Julio de Miranda, discursaram brilhantemente os rev.^{os} socios abbade de Tagilde, João Gomes d'Oliveira Guimarães, digno Vice-Presidente da Associação, e Augusto Coimbra, distincto orador sagrado e illustre professor de ensino livre.

O rev.^o abbade de Tagilde depois de alludir a um dos fins da Associação—a propagação das boas leituras—e com o fim de mostrar que a Igreja Catholica foi, em todos os tempos, promotora da verdadeira sciencia, tocou, de passagem, alguns dos muitos serviços feitos pelo Papado á instrucção em Portugal, deixando muitos outros que a estreiteza do tempo lhe não consentia referir.

Em seguida, traçando um quadro do estado da sociedade no seculo V e dos trabalhos então feitos a bem da humanidade pelo pontífice S. Leão Magno, o primeiro papa, que teve o nome de Leão, oppondo-se aos barbaros, luclando com as heresias e contra a corrupção dos costumes, salvando a civilisação, collocou em parallelo esse estado social com o que se apresentava ante o actual pontífice Leão XIII, quando assumiu o governo da Igreja, julgando-o talvez mais contristador do que o do seculo V. Referiu desenvolidamente os esforços de S. Santidade para levantar a sociedade do abismo em que se ia precipitando, apresentando em resumido esboço os ensinamentos que elle tem ministrado aos povos e aos governos, com o fim de os chamar á crença e á pratica do Evangelho, unico meio de salvar a humanidade asoerbadada pelos perigos imminentes, que de toda a parte a cercam. Quasi todas as Encyclicas do actual pontífice, tão repletas de profunda doutrina e de intimas consolações, mereceram um rapido olhar no discurso proferido.

Ao terminar, recordando o que se havia passado no concilio ecumenico de Calcedonia em 451, terminou affirmando que o dever de todos os homens, se quizessem alcançar a possivel felicidade na terra, era a adhesão ás lições do pontífice, por que Pedro fallou pela bôca de Leão XIII, como no seculo V fallara pela de Leão Magno.

Foi largamente applaudido.

Acolhido por uma salva de palmas, o

rev.^o Augusto Coimbra começou dizendo que «as palavras dos homens sinceros dizem o que as cousas são, as de Jesus fazem o que dizem». (Fenelon, discursos)

Assim é em todas as suas pujantes e larguissimas manifestações. Jesus Christo confere ao rude e ignaro pescador da Galilea o primado de honra e jurisdicção, e na pessoa d'elle a todos os seus successores, e eil-o mestre infalível da verdade, guia segurissimo das consciencias, e juiz em ultima instancia dos supremos interesses da humanidade; o pusilanime que o nega convertido no soldado valente que o defende, no apostolo infatigavel que o apregoa, no martir imperterrito e sublime que o confessa; o grão de areia transformado na pedra angular d'esse edeficio enorme, que assenta sobre o sangue infinitamente precioso de Jesus e se levanta até ao seio da sua gloria inflnita. E' este facto unico, singular.

Os imperios tombam, as dynastias afundem-se, as sociedades transformam-se, a sciencia pregôa se hoje como a ultima expressão da verdade. é amanhã relegada, por incompleta, absurda, e contradictoria, a arte eleva-se hoje como a aguia até ao sol sem sombras do ideal purissimo, esbagaxa-se amanhã nas torpezas d'um realismo ascoroso; a politica é agora um colosso homogeneo como um crystal purissimo, e tenaz como as suas arestas—amanhan é a pulverisação da ruina! e quantas vezes a posteridade vai escrever com o epitaphio da des-honra, a imprecação provocada pelas tremendas responsabilidades contrahidas.

E no meio d'este ser e não ser, d'este nascer, crescer, morrer, Jesus e a sua obra estão sobranceiros, triumpantes do accommettimento de todos os erros, do assalto de todas as paixões, da violencia de todos os monstros.

Aos grandes lucladores da idea franca-quea-lhes os concilios, onde se dilucidam segredos e affirmam crenças salvadoras; aos potentados, que tentam esmagal-a, offerece-lhe a maior de todas as resistencias—a consciencia inquebrantavel de seus crentes.....

Em qualquer civilisação os progressos materiaes, se não são acompanhados parallelamente pelo aperfeiçoamento moral, são um perigo eminente a diluir-se n'uma catastrophe medonha.

Que importa que a industria se opulente em sumptuosas fabricas, se a industria falsifica; de que vale que o commercio diffunda os seus mil braços para repartir as produções da industria, se o commercio monopolisa e explora;—que importa que o direito pu-

blico se estude, profunde e se consolide a valer, se o seu codigo é joguete d'um governo faccioso; de que vale que o codigo civil amplie as nossas liberdades e salvaguarde os nossos direitos, se os pleitos vão cair nas mãos d'uma magistratura iniqua. E para que isto se não dê o que é preciso? a religião.

A honra na familia, a justiça nas leis, a moralidade dos costumes vem do evangelho, não podem derivar do codigo penal.

Redobrae presidios, multiplicae guilhotinas—tereis criminosos mais previdentes, mais cautelosos, mais desenfreados depois, mas por isso mesmo maiores e mais funestos monstros.

Ninguem auscultou tão bem, diagnosticou tão segura, e remediou tão efficaçamente os males de que a actualidade enferma, como Leão XIII. Aos desmandos dos governos deu um itinerario, na encyclica da constituição dos estados: aos que barafustam nas greves e expludem nas communas, nas revoltas—offereceu a salvação na immortal encyclica (carta) da condição dos operarios.

Aos primeiros recommenda, exora, pede e manda prudencia, isenção e justiça, aos segundos coragem, resignação, e obediencia.

E' por isso que os esforços de Julio II, a sabedoria de Bento XIV, a inspiração artistica de Xisto V e de Leão X, a coragem de Leão Magno, a superioridade de Gregorio VII, a bondade de Pio IX se conglobam, unem e sublimam, para tornarem Leão XIII o maximo entre os maiores.

Nem lhe falta a sagração das grandes dores, nem a provação das fortes lucltas.

Nas dores é um heroe, um santo: nas lucltas é um litan, um gigante, um leão.

Como o leão franco é vigoroso na luclta, como o cordeiro mansidão, como uma enorme alma é sempre generoso no perdão. E' por isso que as palavras do orador são n'este momento uma profanação.

As grandes dores e as grandes alegrias calam não fallam.—E visto que temos a honra de ter um pae que dia e noite só cuida nos nossos destinos,—justo é que lhe tributemos um culto duas vezes honroso de admiração e amor, admiração do seu talento e amor ao seu coração. Brademos pois com toda a effusão das nossas almas: Viva Leão XIII!

Recitaram poesias o ex.^{mo} snr. J. Terroso, distincto cavalheiro de Barcellos, e os academicos—Luiz Rebello e Manoel Roriz, os quaes se houveram brilhantemente.

Passemos do salão á igreja. Entre-mos no vastissimo templo da V. O. Terceira franciscana, d'esta cidade. Prégou ali Fr. Manuel das Cinco Chagas, o apostolico varatojano que todo o Portugal conhece, ama e admira.

Se vamos apenas movidos pela curiosidade, não sairemos de lá sem aprender o como devemos predispor-nos para ouvir os sermões, porque esse foi o assumpto que elle tractou na primeira dominga. E tam proficientemente, tam claramente o fez, que alguns dos seus ouvintes, imaginando que o bom frade lhes estava ajustando uma carapuça, apenas se viram cá fóra, talharam-n'a por suas proprias mãos, enfiaram-n'a no touthço e... eil-os a barafustar contra Fr. Manuel, que... tinha dito a verdade, nada mais e nada menos que a verdade! E tanto berraram—os coitados—taes tregeitos fizeram, sempre de carapuça na cabeça, que um pobre correspondente,—que toda a gente conhece e estima, porque o sabe inoffensivo e ingenuo como um infante de cuecas—condoendo-se dos miseros, apiedando-se de os vêr tam ridiculos, tam chinfrins, permittiu-se umas facecias de mau gôsto a respeito dos sermões do valente missionario franciscano, dizendo, além do mais, que «Fr. Manuel contou (refere-se ao sermão da 2.ª dominga) a antiquissima historia do filho prodigo e mais não disse».

Sim, antiquissima, tam antiga, pelo menos, como o Evangelho, mas ao mesmo tempo tam moderna como a actualidade, porque, graças á misericordia divina, que não cessa, se reproduz sempre que alguma ovelha tresmalhada volta, pelos caminhos da penitencia, ao aprisco do Bom Pastor Christo Jesus.

Não o cre assim o nosso correspondente? Parece que não, ou pelo menos duvida, aliás não diria que «talvez» Fr. Manuel «não consiga... que os vobis sigam os conselhos que» sua «Reverendissima lhes dá». Engano, illustre correspondente, puro engano. Os oradores, como Fr. Manuel, que prégam a palavra de Deus, que não convertem o

pulpito em tablado de *eloquencias* profanas, já gastas e desacreditadas, nunca descem d'aquella sagrada tribuna sem terem feito reviver a fé n'algum espirito obcecado, sem terem renovado a esperança n'algum coração desalentado, sem reaccenderem, com o fogo do seu zêlo apostolico, a chamma da caridade extincta n'alguma alma, n'uma palavra, sem levarem algum filho prodigo a exclamar contrito e humilhado na presença do Pae celeste: *Peccavi*.

Não te fies, pois, caro correspondente e, *malgré ceci*, amigo, não te fies em reles *sacristas*, ou *flautistas* e quejandos, sabidos *depreciadores* e até *insultadores* de frades e missionarios. Se elles berram, é porque lhes dóe.

Fr. Manuel das Cinco Chagas está-lhes muito sobranceiro; por isso não o attingem os salpicos de lama avinbada com que taes *heroes* o buscam.

Deixa-os na sua negregada tarefa de deprimir caracteres e falsear intenções. E' o seu officio.

Môço ainda, debes ser generoso, porque sempre o foi a mocidade. Não ajudes, pois, os maldizentes que depreciavam os sermões de Fr. Manuel. Faz antes justiça ás intenções do bom missionario que exerce uma missão sublime e respeitabilissima. E... au revoir.

Um sintoma *fin de siècle*.

Escrevem da provincia para um jornal do Porto:

«Consta nos que uma caixa de penhores d'esta cidade, fechou as suas portas no domingo ultimo, em consequencia dos enormes pedidos que lhe fizeram. Parece que essa casa recebeu penhores no valor approximado de reis 4:000\$000. Outras casas de penhores fecharam-se tambem para assim se livrarem dos immensos pedidos sobre penhores. O motivo d'esta concorrência ás casas de penhores, foi, sem duvida, o grandissimo entusiasmo de que muitos se compenetraram pelas festas henriquinas!»

D'uma pobre mulher sei eu que, para se habilitar a ir ao Porto assistir aos festejos, comprou uma peça inteira

de panno de algodão, que depois foi empenhar com grande desconto!

E o que vendeu uma acção de banco por 20\$000 reis?

E' o cumulo da insania!

E' o recurso de todos os arruinados!

E' a sêde do prazer, o monstro do luxo, a ancia de *bolar figura*.

Os grandes arruinam-se em pomposas extravagancias: os pequenos seguem-lhes no encalço, encubriendo a sua miseria com desperdicios loucos, que revelam uma espantosa decadencia!

Triste, profundamente triste!

Uma lição a tempo.

Deu-a a nossa excelsa rainha, a sr.ª D. Maria Amelia, á commissão do centenário henriquino, indicando-lhe a introdução, no respectivo programma, d'um solemne *Te-Deum* em acção de graças á divina Providencia por ter dado a Portugal um tam excellente principé, como foi o infante D. Henrique.

Bem merecia a commissão que lhe ensinassem o cumprimento d'aquelle dever, pois estava desfigurando a nobre figura do infante, que antes de ser um patriota eximio e um sabio benemerito, foi um christão de fé viva e ardente, e bem fez a piedosa rainha em dar-lhe aquella lição, pois d'exemplos taes precisa o povo, que tam desafeito anda de vêr os e porisso vai resvalando cada vez mais n'um aviltamento degradante.

Abençoe Deus a piedosa princeza e lhe dê subditos que a mereçam.

ANNUNCIOS

VIDA DO VENERAVEL

P. FRANCISCO MARIA LIBERMANN

FUNDADOR DA

Congregação do Espirito Sancto do Immaculado Coração de Maria

Preço.. 500 reis

A' venda na administração do «Progresso Catholico».

O PROGRESSO CATHOLICO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE CADA MEZ

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Continente portuguez e Hespanha, 800 reis—Ilhas, o mesmo preço, sendo feito o pagamento em moeda equivalente á do continente—Provincias ultramarinas e paizes da União Geral dos Correios, 1\$000 reis—Estados da India, China, e America, 1\$280 reis, moeda portugueza—Numero avulso 100 reis. Edição de papel de luxo, mais 200 reis.

As assignaturas são pagas adeantadamente, por um ou meio anno.

Tudo o que se refere á redacção, incluindo troca de jornaes, seja enviado a Manuel Maria Fructuoso—Rua da Alegria, 6—GUIMARÃES

Tudo o que pertence á administração seja dirigido a José J. da Silva Guimarães—rua de Gil Vicente, 64—GUIMARÃES.